

OS ESTILOS DE USO DOS ESPAÇOS VIRTUAIS E AS REDES SOCIAIS NA PEDAGOGIA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Adriana Aparecida de Lima Terçariol

Universidade Nove de Julho – UNINOVE
Brasil
atercariol@gmail.com

Daniela Melaré Vieira Barros

Universidade Aberta
Portugal
atercariol@gmail.com

Resumo

Este relato apresenta resultados parciais da investigação em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Doutorado vinculado à Universidade Aberta – Portugal, Departamento de Educação e Ensino a Distância. Os dados e análises apresentados se referem a um estudo exploratório. Este estudo consistiu em verificar os estilos de uso do espaço virtual, predominantes em uma turma de estudantes de Pedagogia, assim como analisou algumas de suas percepções em relação à aplicação das redes sociais no processo de ensino e aprendizagem. Foram sujeitos desta etapa da pesquisa estudantes do curso de Pedagogia, da disciplina Tecnologias Aplicadas à Educação, ofertada online, por uma instituição de ensino superior da rede privada do Estado de São Paulo / Brasil. Os resultados mostraram a importância de se identificar os estilos de uso do espaço virtual, de modo que o docente tenha elementos para projetar atividades a serem desenvolvidas por esses estudantes, contemplando estilos mais evidenciados, a partir do uso criativo dos espaços online, em especial das redes sociais. Notou-se ainda a partir das falas dos

estudantes que acreditam que o uso das mídias sociais pode ampliar as oportunidades de aprendizado individual e colaborativo, contribuindo para o incentivo da ação investigativa e da autoria em contextos educacionais.

Palavras-chave: educação; estilos de uso dos espaços virtuais; redes sociais; formação inicial de professores.

OS ESTILOS DE USO DOS ESPAÇOS VIRTUAIS E AS REDES SOCIAIS NA PEDAGOGIA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Abstract

This report presents partial results of research in development with the Post-Doctoral Program linked to the Open University - Portugal, Department of Education and Distance Education. The data and analyzes refer to an exploratory study. This study consisted of verifying the virtual space use styles, predominant in a group of Pedagogy students, as well as analyzing some of their perceptions regarding the application of social networks in the teaching and learning process. There are so many of this stage of research in Pedagogy, from the subject Applied Technologies to Education, offered online, by a higher education institution of the private network of the State of São Paulo / Brazil. The results showed the importance of identifying the styles of use of virtual space, so that the teacher, elements to design activities developed by students, contemplating styles more evidenced, from the creative use of online spaces, especially social networks. It is not yet available to people who believe in the use of social media, such as opportunities for individual and collaborative learning, contributing to the incentive of research action and authorship in educational contexts.

Keywords: education; styles of use of virtual spaces; social networks; initial teacher training.

Introdução

Conhecer a teoria dos estilos de aprendizagem e sua aplicação direta em espaços online, a partir dos estilos de uso do espaço virtual, facilita entender a forma como as pessoas movimentam e utilizam as informações e estruturas online para organizar suas percepções e aprender de maneira informal. Nessa perspectiva, o objetivo principal do presente artigo foi verificar os estilos de uso do espaço virtual, predominantes em uma turma de estudantes de Pedagogia.

A teoria dos estilos de aprendizagem em suas diversas nuances e em especial no âmbito educativo (Alonso, Gallego e Honey, 2002), informa sobre como as pessoas aprendem e oferece fundamentos e elementos para o entendimento das características específicas, da forma colaborativa (Barros, 2011) como realizam essa aprendizagem. Sua importância está exatamente em saber como aprender de forma colaborativa em rede (Kenski, 2008; Pittinsky, 2006; Castells, 2001) e disso originar uma coaprendizagem. A coaprendizagem nos ajuda a dinamizar as coletividades virtuais (Okada et al., 2009; Okada e Barros, 2013; Okada, 2011, 2013), especificamente as de aprendizagem, que são foco deste trabalho.

A partir dessa questão o estudo trouxe referências e informações de como identificar os estilos de uso do virtual nas dinâmicas de aprendizagem construídas nas redes. Essa experiência potencializou a forma de entender o online e sua dinâmica de colaboração para a construção de didáticas e metodologias de aprendizagem.

Nesse sentido, a seguir de acordo com os objetivos do artigo apresentam-se: os procedimentos metodológicos utilizados para o estudo realizado; os fundamentos na abordagem sobre a teoria dos estilos de aprendizagem e sua relação com os estilos de uso do espaço virtual; a caracterização dos estudantes participantes deste estudo e, na sequência, apresentam-se algumas de suas concepções sobre as redes sociais e suas possibilidades no ensino e aprendizagem.

6. Procedimentos Metodológicos

Optou-se para o desenvolvimento deste estudo pela pesquisa qualitativa, com uma perspectiva exploratória. De acordo com Severino (2007, p. 123) “a pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”. Nesse sentido, vale salientar que este estudo é parte de uma pesquisa mais ampla intitulada “As redes sociais na formação inicial de professores: estratégias, estilos e desafios para a didática na educação online”, em desenvolvimento. Por essa razão, as informações aqui apresentadas, limitam-se aos procedimentos adotados para o encaminhamento deste recorte, no qual se restringe este artigo.

Como já mencionado, o objetivo do estudo consistiu em: verificar os estilos de uso do espaço virtual, bem como identificar suas percepções em relação ao uso das redes sociais como espaços de ensino e aprendizagem. Os principais referenciais teóricos utilizados foram: Alexandre e Peres (2011); Demo (1997); Jung (2017); Okada e Barros (2013); Barros (2009, 2011, 2014); Okada (2013); Okada (2011); Santos e Rossini (2015); Alonso, Gallego e Honey (2002); Lévy (1993, 1996), entre outros.

O instrumento utilizado para coleta de dados foi o questionário de estilos de uso do espaço virtual (Barros, 2009). A escolha desse instrumento deve-se a caracterização para cursos/formação online. Esse instrumento foi estruturado com questões fechadas e uma questão aberta e se subdividiu em duas partes. Na primeira parte as questões apresentadas consistiram em conhecer o estilo de uso do espaço virtual, enquanto a segunda parte objetivou identificar o perfil pessoal, familiaridade com as tecnologias, bem como algumas especificidades do uso e percepções em relação à aplicação das redes sociais ao processo de ensino e aprendizagem. “Compreender a vida social contemporânea requer considerar também o estudo das redes sociais online já que estas alteraram profundamente

nos últimos anos a forma como milhões de pessoas se comunicam e compartilham informações entre si” (Amante, 2014, p. 28 apud Souza, Cruz e Amante, 2017, p. 60).

A partir dessa premissa, a organização e sistematização dos dados obtidos, por meio da questão aberta (*Você acredita que as Redes Sociais podem ser articuladas ao processo de ensino e aprendizagem? Justifique a sua resposta*), os depoimentos dos estudantes foram selecionados e agrupados, de acordo com quatro eixos temáticos: 1 - Rede Social como Espaço de Coaprendizagem; 2 - Rede Social como Ferramenta Motivacional; 3 - Rede Social Promove Diversidade de Recursos e Espaços Pedagógicos; 4 - Rede Social Propicia Acesso a Conteúdos Educacionais e Estimula a Pesquisa/Seleção/Sistematização de Informações. Em seguida, foram analisados à luz dos fundamentos aqui apresentados.

Como participantes dessa etapa inicial o estudo contou com o envolvimento de estudantes do terceiro termo da Pedagogia, vinculados à disciplina “Tecnologias Aplicadas à Educação”, ofertada na modalidade à distância. A caracterização do perfil desses estudantes é sistematizada na seção “Apresentação e Discussão dos Resultados”, juntamente com a análise dos demais dados obtidos.

1. Os Estilos de Aprendizagem, o Virtual e suas Formas de Uso

As pesquisas em educação há muito tempo vêm demonstrando que diferentes pessoas têm diferentes formas/ritmos de aprender. Estas formas típicas de perceber e processar as informações são aquilo que, na literatura, se conhece por estilos de aprendizagem. Alguns psicólogos citados por Goulão (2002) definiram os estilos de aprendizagem como uma tendência para abordar tarefas cognitivas, a partir da utilização preferencial de uma estratégia ou de um conjunto de estratégias, isto é, a adoção habitual e distinta de um modelo para adquirir conhecimento.

Os estilos de aprendizagem afetam a forma de estar e de atuar dos sujeitos em diferentes planos da vida. Afetam não só a forma como as pessoas aprendem, mas também como atuam em grupo, participam em atividades, se relacionam com os outros, resolvem problemas e trabalham (Kolb e Smith, 1996). Os estilos de aprendizagem foram e serão o foco de inúmeros estudos, e por essa razão podemos encontrar diferentes formas de abordar o mesmo conceito, com o mesmo objetivo: conhecer melhor a forma como cada um se apropria do saber.

Em 1976, David Kolb iniciou com a reflexão da repercussão dos estilos de aprender na vida adulta das pessoas, explicando que cada indivíduo enfoca a aprendizagem de uma forma peculiar fruto da herança, experiências anteriores e exigências atuais do ambiente em que se move. Kolb identificou cinco forças que condicionam os estilos de aprendizagem: a de tipo psicológico, a especialidade de formação elegida, a carreira profissional, o trabalho atual e a capacidade de adaptação.

Para Kolb (apud Alonso, Gallego e Honey, 2002) a aprendizagem é eficaz quando cumpre quatro etapas: experiência concreta, quando se faz algo; a observação reflexiva, quando se analisa e pondera; a conceptualização abstrata, quando se compara as teorias depois da análise; e a experimentação ativa, que permite contrastar o resultado da aprendizagem com a realidade.

Partindo das ideias e análises de Kolb (1984), Honey e Mumford (apud Alonso, Gallego e Honey, 2002) elaboraram um questionário a partir do qual se podem obter também quatro estilos diferentes de aprendizagem, a saber: Estilo ativista, Estilo reflexivo, Estilo teoricista e Estilo pragmático. Destacaram um estilo de aprendizagem que se diferenciou de Kolb em dois aspectos: as descrições dos estilos são mais detalhadas e se baseiam na ação dos diretivos; as respostas do questionário são um ponto de partida e não um fim, isto é, são um ponto de diagnóstico, tratamento e melhoria.

Os estilos de aprendizagem de acordo com Alonso, Gallego e Honey (2002), com base nos estudos de Keefe (1998), são traços cognitivos, afetivos e fisiológicos, que servem como indicadores relativamente estáveis de como os alunos percebem, interagem e respondem a seus ambientes de aprendizagem. Existem quatro estilos definidos: o ativo, o reflexivo, o teórico e o pragmático.

- *estilo ativo*: valoriza dados da experiência, entusiasma-se com tarefas novas e é muito ágil. As pessoas em que o estilo ativo predomina, gostam de novas experiências, são de mente aberta, entusiasmadas por tarefas novas; são pessoas do aqui e do agora, que gostam de viver novas experiências. Suas características são: animador, improvisador, descobridor, ousado, espontâneo.
- *estilo reflexivo*: atualiza dados, estuda, reflete e analisa. As pessoas deste estilo gostam de considerar a experiência e observá-la de diferentes perspectivas; reúnem dados, analisando-os com detalhamento antes de chegar a uma conclusão. Suas principais características são: ponderado, consciente, receptivo, analítico e exaustivo.
- *estilo teórico*: é lógico, estabelece teorias, princípios, modelos, busca a estrutura, sintetiza. Este estilo é mais frequente em pessoas que se adaptam e integram teses dentro de teorias lógicas e complexas. Profundos em seu sistema de pensamento e ao estabelecer princípios, teorias e modelos tendem a ser perfeccionistas integrando o que fazem em teorias coerentes. Buscam a racionalidade e objetividade se distanciando do subjetivo e do ambíguo; para eles se é lógico é bom.
- *estilo pragmático*: aplica a ideia e faz experimentos. Os pragmáticos são pessoas que aplicam na prática as ideias. Descobrem o aspecto positivo das novas ideias e aproveitam a primeira oportunidade para experimentá-las. Gostam de atuar rapidamente e com segurança com aquelas ideias e projetos que os atraem. Tendem a ser impacientes quando existem pessoas que teorizam. Suas principais características são: experimentador, prático, direto, eficaz e realista.

Para identificar os estilos de aprendizagem, o instrumento que pode ser utilizado é o CHAEA – (*Cuestionário Honey y Alonso de Estilos de Aprendizaje*). Esse modelo de questionário, que identifica os estilos de aprendizagem (pode ser acessado e realizado no site www.estilosdeaprendizaje.es), aperfeiçoa e complementa os demais questionários, atualizando-os de acordo com as necessidades emergentes. A predominância dos estilos de aprendizagem pode ou não modificar ao longo da vida do indivíduo, dependendo do ambiente e do trabalho em que o mesmo está inserido. Os estilos são flexíveis, são tendências.

Essa teoria não tem por objetivo medir os estilos de cada indivíduo e rotulá-lo de forma estagnada, mas identificar de maior predominância, na forma como cada um aprende, e com isso elaborar o que é necessário para esses indivíduos, em relação aos outros não predominantes. Esse processo deve ser realizado com base em um trabalho educativo que possibilite que os outros estilos também sejam contemplados na formação do aluno.

A teoria dos estilos de aprendizagem contribui muito para a construção do processo de ensino e aprendizagem na perspectiva das tecnologias, pois considera as diferenças individuais e é bastante flexível, além disso, utiliza estratégias didáticas que contemplam os diversos estilos, sendo o uso das tecnologias algo facilitador desse processo.

A partir desses referenciais e os novos elementos do virtual, as investigações realizadas como Kerckhove (1999, 1995) e Lévy (1993, 1996), nos proveram informações sobre como o espaço virtual possibilita formas de aprendizagem diferenciadas das formas de aprendizagem tradicionais. Portanto, os estudos realizados sobre essa temática, juntamente com a teoria de estilos de aprendizagem, facilitaram a identificação de um perfil de como as pessoas aprendem no virtual e as formas de direcionar as aplicações didático-pedagógicas para o processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com a pesquisa, anteriormente desenvolvida por Barros (2011), o tipo de aprendizagem que ocorre no espaço virtual é aquele que inicia pela busca de dados e informações, após um estímulo previamente planejado; em seguida a essa busca, ocorre a organização do material encontrado de forma particular, de acordo com as formas pessoais de elaboração, organização, análise e síntese; por fim, a produção de uma aplicação multimídia com os instrumentos disponibilizados.

Dando seguimento a essas alegações, Barros (2011) em investigação doutoral, desenvolveu os estilos de uso do espaço virtual, derivados dos estilos de aprendizagem e das reflexões da forma como as pessoas aprendem no virtual e sua caracterização. A identificação da forma como se utiliza o virtual é essencial para compreender e pensar em estratégias de como podemos organizar esses espaços para uma aprendizagem efetiva. Para isso, apresentamos a seguir cada um dos **estilos de uso do espaço virtual** e a partir das suas características realizamos reflexões sobre a perspectiva da aprendizagem em rede.

No estilo **participativo**, no que se refere à aprendizagem colaborativa, podemos dizer que esta é a sua principal característica. Este estilo também necessita de metodologias e materiais que priorizem o contato com grupos online. A participação é o principal fator motivador de competências para a aprendizagem colaborativa. Isso pode ser realizado mediante exercícios e atividades, além de materiais que facilitem ações contemplando as características mencionadas.

O estilo **busca e pesquisa** tem como elemento central para a aprendizagem a necessidade de fazer pesquisa online e buscar informações de todos os tipos e formatos. A busca fornece conteúdos e informações, e com isso a colaboração pode ser mais efetiva e ativa. Aprender a buscar informação e geri-la é uma capacidade muito importante para um processo colaborativo.

O estilo de **estruturação e planejamento** tem como elemento central desenvolver atividades que valorizem os aplicativos, para elaborar conteúdos e atividades de

planejamento. Ele potencializa a coaprendizagem na organização e no planejamento participativo, e os resultados para a própria aprendizagem. Estruturar ações e gerir processos também aumenta a ação de trabalhos e aprendizagens colaborativas, na medida em que se apresentam opções e propostas.

No estilo de **ação concreta e produção** o elemento central está em utilizar o espaço virtual como um espaço de ação e produção. Assim, estimula a aprendizagem colaborativa na medida em que concretiza os resultados de aprendizagem, produz e apresenta algo concreto numa perspectiva de produção.

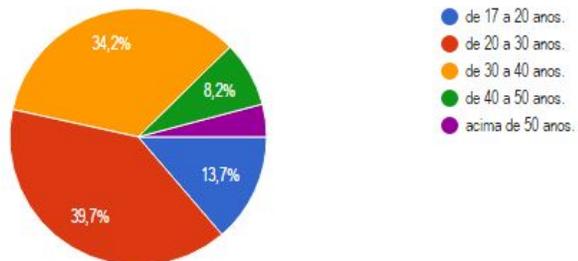
Os estilos de uso do espaço virtual clarificam o potencial das redes para o processo de aprendizagem, facilitam formas e modelos em que poderiam investigar para o trabalho educativo.

Enfim, adotando esses fundamentos como parâmetros, conforme mencionado anteriormente, este estudo coletou dados que permitiram identificar o perfil dos estudantes participantes desta fase exploratória, bem como seus estilos de uso do espaço virtual e algumas de suas percepções em relação à aplicação das redes sociais no processo de ensino e aprendizagem.

2. Caracterização dos Estudantes

Com relação à faixa etária, num total de 73 respostas, os dados evidenciaram predominância de estudantes entre 20 a 30 anos, equivalente a 39,7%. Cerca de 34,2% encontravam-se na faixa etária de 30 a 40 anos, alguns entre 17 a 20 anos (13,7%) e poucos entre 40 a 50 anos (8,2%), conforme pode ser observado no Gráfico 1, abaixo:

Faixa Etária: (73 respostas)

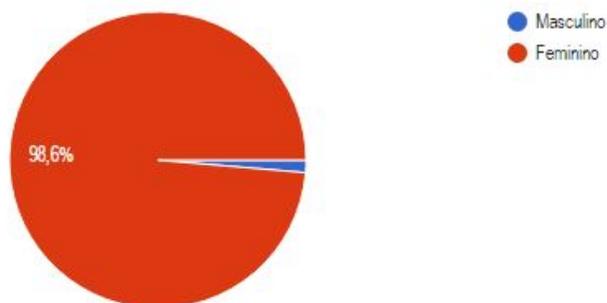


Fonte: Elaborado pelas autoras.

Gráfico 1 - Faixa Etária

Do total de alunos participantes deste levantamento (74 respostas), os dados evidenciaram que 98,6% eram do sexo feminino (Gráfico 2), refletindo o perfil de gênero ainda predominante no curso de Pedagogia.

Sexo: (74 respostas)

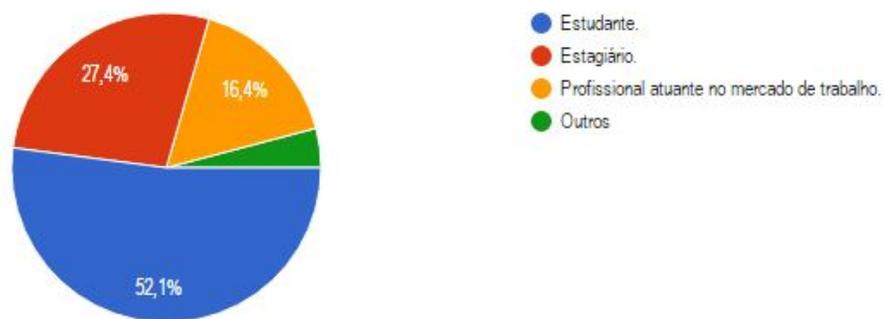


Fonte: Elaborado pelas autoras.

Gráfico 2 – Sexo

Quanto à atuação profissional, de 73 respostas, foi possível evidenciar que a maioria dos respondentes exercia até o momento de coleta dos dados a função de estudante (52,1%). Outros 27,4% atuavam como estagiários. Enquanto 16,4% sinalizaram atuação profissional no mercado de trabalho, mostrado no Gráfico 3.

Atuação Profissional: (73 respostas)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Gráfico 3 – Atuação Profissional

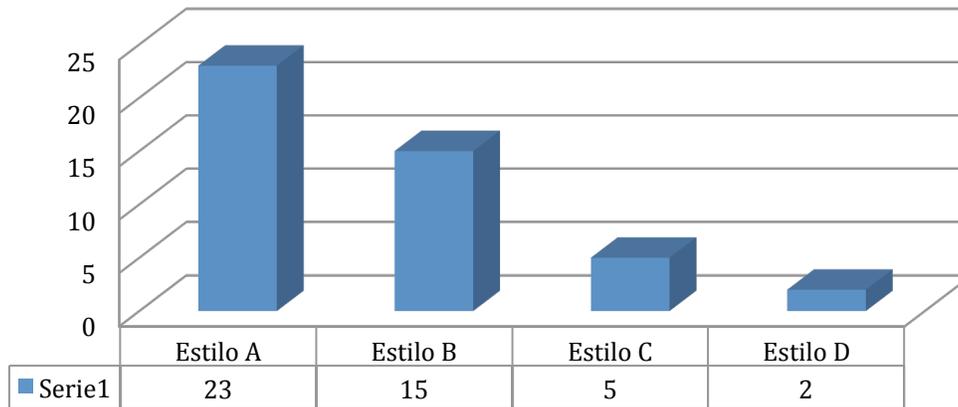
Em resumo, os dados evidenciaram que a turma era composta praticamente por estudantes na faixa etária de 20 a 30 anos, sendo quase 100% do sexo feminino.

Uma vez apresentado o perfil dos estudantes da turma investigada, apresenta-se a seguir os estilos de uso do espaço virtual predominantes nesse grupo.

3. Estilos de Uso do Espaço Virtual da Turma Investigada

Com a aplicação do questionário de estilos de uso do espaço virtual (Barros, 2009) foi possível identificar os estilos da turma investigada, conforme dados apresentados no Gráfico 4.

Estilos da Turma Investigada



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Gráfico 4 – Estilos da Turma Investigada.

A leitura desse gráfico nos mostra que:

- 23 estudantes apresentaram o Estilo A – esse estilo considera a participação no espaço virtual como elemento central, no qual o estudante deve se ambientar nesse contexto. Vale considerar ainda que o nível A necessita de metodologias e recursos que deem preferência para trabalhos colaborativos e o contato com grupos on-line; instigue buscas de situações diversas no contexto on-line, participações em fóruns de discussões e gerar ações aos materiais produzidos. **Por isso, sua denominação é uso participativo no espaço virtual** (Barros, 2009).
- 15 estudantes o Estilo B – esse estilo tem como elemento central para a aprendizagem a necessidade de fazer pesquisa on-line, bem como buscar informações de todos os tipos e formatos. Esse estilo prefere, essencialmente, buscar e pesquisar no espaço virtual. O estudante aprende mediante busca, seleção e organização de informações. Os materiais de aprendizagem devem estar voltados a construções e sínteses que englobem

a pesquisa de um conteúdo. **Portanto, sua denominação é uso, busca e pesquisa no espaço virtual** (Barros, 2009).

- 5 estudantes o Estilo C – O estilo de uso C tem como elemento central para a aprendizagem a necessidade de desenvolver atividades que valorizem os aplicativos para elaborar conteúdos e atividades de planejamento. Essas atividades devem basear-se em teorias e fundamentos sobre o que está sendo desenvolvido. **Ficou denominado como estruturação e planejamento no espaço virtual** (Barros, 2009).
- 2 estudantes o Estilo D - O estilo de uso D tem como elemento central para a aprendizagem a necessidade de realização dos serviços on-line e a rapidez na realização desse processo. Viabilizar com rapidez é um dos eixos centrais desse estilo de uso; utilizar o espaço virtual como espaço de ação e produção. **Foi denominado de estilo de ação concreta e produção no espaço virtual** (Barros, 2009).

Num total de 45 respondentes, 23 apresentaram o Estilo A, mostrando que boa parte dos estudantes apresentava um perfil participativo, dispostos a trabalhos colaborativos, produções conjuntas, participações em fóruns e, em especial, contato com grupos online, oferecendo uma abertura para o uso das redes sociais como espaços de ensino e aprendizagem.

Vale salientar que o instrumento aplicado na turma investigada além de permitir a identificação dos estilos de uso do espaço virtual, propiciou melhor esclarecimento a respeito da forma como o grupo se movimentava no online e, com isso, ofereceu indicadores para posteriormente serem estruturadas e elaboradas estratégias para facilitar o processo de ensino e aprendizagem, neste contexto das redes. Além disso, possibilitou também captar as percepções dos estudantes de Pedagogia em relação ao uso das redes sociais como espaços de ensino e aprendizagem.

A seguir, são apresentados alguns excertos de falas dos estudantes, extraídos das respostas emitidas à questão aberta disponível no questionário de estilos de uso do espaço virtual (Barros, 2009), aplicado para coleta de dados.

4. Percepções dos Estudantes de Pedagogia em Relação ao Uso das Redes Sociais como Espaços de Ensino e Aprendizagem

Com o intuito de organizar a apresentação dos excertos das falas dos estudantes, os mesmos foram selecionados e agrupados de acordo com quatro eixos temáticos, sendo: 1 - Rede Social como Espaço de Coaprendizagem; 2 - Rede Social como Ferramenta Motivacional; 3 - Rede Social Promove Diversidade de Recursos e Espaços Pedagógicos; 4 - Rede Social Propicia Acesso a Conteúdos Educacionais e Estimula a Pesquisa/Seleção/Sistematização de Informações. Esses eixos foram construídos, a partir da análise de conteúdo das falas dos estudantes.

4.1. Rede Social como Espaço de Coaprendizagem

De acordo com Okada (2013) foi na década de 90 que o termo coaprendizagem foi inicialmente citado para realçar a importância de mudança nos papéis dos professores, enquanto transmissores de informações e dos estudantes como meros receptores de conteúdos para 'coaprendizes'. Nessa perspectiva, os estudantes atuam como parceiros em um "processo colaborativo de aprendizagem, na construção de significados e na criação de conhecimento em conjunto" (Okada, 2013). Segundo a autora a coaprendizagem "é também destacada para enfatizar a interação centrada na aprendizagem colaborativa, incluindo a construção de uma verdadeira 'comunidade de prática' que conduz ao envolvimento dinâmico de todos os participantes" (Okada, 2013).

A coaprendizagem é um conceito que adquiriu um significado mais abrangente, associado às vantagens de criação e de intercâmbio de conhecimentos gerados por usuários organizados em redes, à rápida partilha de informações e de dados, o que permite de igual modo a criação de condições para a investigação colaborativa ou a coinvestigação (Okada, 2007, 2012; Okada et al. 2009 apud Barros e Mello, 2017).

Nos últimos tempos com os rápidos avanços da Web 2.0 estudos surgiram centrados na coaprendizagem, conceito que se tornou mais significativo devido a diversas vantagens de criação e troca de conhecimentos, gerado por usuários na internet, ambiente no qual pode haver rápido compartilhamento de informações, design centrado na aprendizagem colaborativa e em rede.

Os excertos apresentados a seguir evidenciam que os estudantes de Pedagogia no contexto investigado são conscientes de que as tecnologias propiciam situações diferenciadas para a aprendizagem, a partir do uso das redes sociais, especialmente por meio da criação de grupos de trabalhos:

Como hoje em dia estamos na era da tecnologia, a rede social anda lado a lado com a aprendizagem, pois na rede social é possível montar grupos de trabalhos, atividades, dúvidas e poder estudar todos juntos.

Quando a tecnologia é utilizada como programação específica voltada à área da educação sim. Por exemplo, podem ser criados grupos de estudo pelas redes sociais onde o aluno posta sua opinião e seu aprendizado pode ser estimulado referente a este ato.

[...] quando bem direcionada as redes sociais podem auxiliar o aluno, em grupos de estudos, onde possam discutir ideias e aprender juntos.

O trabalho em grupo via rede social para os estudantes, no caso de Pedagogia, é bem aceito. Eles reconhecem o espaço do grupo como possibilidade para o compartilhamento e discussão de ideias. O que implica em aprender a ouvir e

respeitar o pensamento do outro. Além disso, nesse espaço do grupo se exercita o posicionar-se, o expressar o que se pensa, com cautela, cuidando do “tom” da fala. Muitos são os aprendizados em termos atitudinais que se desenvolvem a partir da participação em espaços colaborativos como esses. A coaprendizagem é um exercício e precisa ser vivenciada, refletida e estimulada na rede.

Vale salientar ainda que os trabalhos em grupo viabilizados nas redes sociais incentivam a interação entre os estudantes. Em resultados de estudos internacionais a respeito do uso da rede social *Facebook* por estudantes universitários, Amante (2014 apud Souza, Cruz e Amante, 2017, p. 60) ao destacar as razões sociais, educacionais e informacionais das suas interações *online*, salienta: “ainda que tais interações não estejam diretamente ligadas a questões de aprendizagem formal, constituem-se em uma contribuição para desenvolver a sua participação e criticidade sobre a aprendizagem na universidade, uma vez que a rede social não se separa de suas vidas *offline*”.

Além disso, nesses espaços virtuais a interação assume papel fundamental, pois ela ocorre de forma voluntária, ou seja, uma vez inseridos em um grupo de estudos os estudantes iniciam seus diálogos gradativamente com aqueles colegas que identificam certa sintonia de pensamento, as trocas começam a fluir naturalmente na maioria das vezes. O excerto a seguir evidencia o depoimento de um dos estudantes que chama a atenção para essa interação espontânea que ocorre nas redes sociais, estimulada muitas vezes a partir do interesse pelo compartilhamento ou busca de informações relacionadas a temáticas de interesse, ou seja, que tenham algum significado num momento de nossas vidas pessoais e/ou profissionais.

Acredito que daria certo, pois a maioria das coisas que vemos nas redes sociais fica gravada em nossas memórias. Em redes sociais, compartilhamos opiniões com diversas pessoas, e é uma atividade espontânea e não sob "pressão", como é em sala de aula.

A fala acima chama a atenção ainda, pois emite a ideia que o compartilhamento de opiniões em sala de aula “presencial”, geralmente ocorre “sob pressão”. Aqui não é intenção das pesquisadoras estabelecer um comparativo entre a sala de aula “presencial” e a “online”, até porque vislumbramos o uso das tecnologias e em especial das redes sociais em ambos os espaços, ampliando as oportunidades de interação e coaprendizagem, instigando o uso de novas metodologias e estratégias de ensino que mobilizem a ação conjunta por parte dos estudantes e em se tratando de futuros professores que esses tenham condições de se apropriarem das tecnologias, focando o seu uso pedagógico, enquanto pedagogos.

No entanto, ao que tange o termo ‘pressão’ no excerto aqui em destaque acredita-se que o estudante esteja se referindo a práticas ainda autoritárias que ocorram nos ambientes de formação universitária. Infelizmente, alguns formadores de professores ainda adotam posturas não favoráveis ao diálogo e compartilhamento em sala de aula o que implica a urgência de reflexão por parte dessa categoria de profissionais e processos de formação continuada que os auxiliem na tomada de consciência quanto à necessidade de reverem suas práticas diante do contexto atual.

Outras falas dos estudantes evidenciam a importância da interação nas redes sociais:

Creio que as redes sociais estão cada dia mais presentes no cotidiano do aluno [...]. Creio também que além de entreter, as redes podem se tornar ferramenta de interação, para auxiliar o trabalho em sala de aula, por hoje se tratar de algo tão presente na vida dos alunos.

A rede social é importante no processo de aprendizagem, pois envolve o aluno a interação na participação das atividades propostas.

Nas redes sociais existem perfis com intuito de discutir assuntos relacionados ao estudo, pesquisas, interação entre eles. Acho que essa ferramenta ajudaria muito em troca de opiniões e debates.

É importante compreender que é a partir da possibilidade da interação que a coaprendizagem se desencadeia. Por essa razão, “a equipe pedagógica precisa oferecer oportunidades para construção coletiva, abertura para interação social, suporte para uso de novas tecnologias, software aberto e ações que possam guiar os aprendizes no processo de produções colaborativas visando acesso e conhecimento aberto” (Okada, 2011, p. 11).

4.2. Rede Social Como Ferramenta Motivacional (Mais Interesse Pelas Aulas)

“Quando falamos de sujeitos distintos não podemos dizer que aquilo que motiva um sujeito, motivará também os outros; ou seja, a esfera motivacional é difícil de mensurar, cada ser age motivado por algo específico, e esse algo não é, necessariamente, o mesmo” (Alexandre e Peres, 2011, p. 12). As autoras pontuam que a motivação é necessária para que uma atividade seja iniciada pelo sujeito.

No contexto aqui investigado algumas das falas sinalizam que o uso das redes sociais pode despertar maior interesse pelas aulas, ou seja, pelos assuntos abordados em sala de aula (espaços formais de aprendizagem).

Acredito que as redes podem facilitar o ensino e fazer com que o aluno tenha mais interesse nas aulas.

Acredito que as Redes Sociais podem ajudar o aluno a se interessar mais pelo assunto - este - quando mais pesquisado, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem.

Não podemos deixar as redes sociais como foco central do material aplicado em aula, mas podemos usar temas transversais que estão em destaque para trazer o aluno para a aula com mais interesse.

No entanto, os excertos também indicam preocupação dos estudantes quanto à necessidade de planejamento do professor para que o uso desses recursos seja atrelado às aulas de forma interessante, auxiliando realmente os estudantes nos estudos.

Sabendo como usar, ela será uma ferramenta muito útil para o professor que irá preparar aulas mais interessantes e o aluno ficará mais focado, onde será auxiliado nos estudos, lições e trabalhos, facilitando a aprendizagem em geral.

Mas sempre limitando, para que o aluno não disperse da aula.

Evidenciam ainda que o uso da rede social em espaços educativos pode estar atrelado a projetos de aprendizagem (ou projetos de trabalho) e assim gerar maior interesse e envolvimento dos estudantes.

Sim, o professor pode e deve utilizar a rede social em algum projeto educacional, e assim gerar maior interesse do aluno.

As redes sociais são potenciais espaços que podem ser utilizados em contextos de aprendizagem não como instrumentos, mas como espaços potenciais, nos quais o movimento pedagógico acontece de forma orientada e colaborativa. O interesse dos estudantes está logicamente no formato e no *empowerment* frequentemente utilizado nos textos ingleses, ou seja, no empoderamento que é proporcionado ao se conectar, interagir e partilhar, essa motivação intrínseca que emerge a partir de ações ou interações desencadeadas no meio digital, podendo ser aproveitada e direcionada para os objetivos pedagógicos pretendidos.

4.3. Rede Social Promove Diversidade de Recursos e Espaços Pedagógicos

Estudiosos como Okada e Barros (2013), mencionam a importância de considerar a Educação 3.0, visando a urgência de se preparar todos os estudantes para Era Digital. De acordo com Wiley (2008, p.17 apud Okada e Barros, 2013, p. 4), vivemos num mundo “digital, móvel, conectado, personalizado, de criações e aberto”, repleto de aparatos tecnológicos que têm favorecido o acesso à diversidade de recursos e conseqüentemente à construção de espaços pedagógicos diferenciados. Espaços esses favoráveis à implementação de metodologias inovadoras, à construção de novos conhecimentos e novas formas de aprender.

Para as autoras é fundamental contribuir com que os estudantes vivenciem situações diversificadas, de modo que possam desenvolver “as suas competências como cidadãos e profissionais capazes de coaprender e atuar nesta era do conhecimento digital. Educação 3.0 é um tema relevante por provocar reflexões críticas sobre o papel da escola neste século 21, visando ações coletivas para aprimorar a coaprendizagem” (Okada e Barros, 2013, p. 4). Porém, fazem-se necessários avanços teóricos e busca de novas estratégias para a viabilização da Educação 3.0 em contextos formais e informais de aprendizagem.

Nesse cenário as redes sociais se destacam pela diversidade de recursos que oferecem para a ampliação dos espaços pedagógicos, no caso, informais. Com destaque para o *WhatsApp*, *Facebook*, Calendário (Agenda Online), *Chats*, entre outros. Nesse sentido, os excertos a seguir evidenciam que os estudantes de Pedagogia da turma investigada são conscientes dessa diversidade de recursos que as redes sociais oferecem e que por meio deles podem ampliar os espaços pedagógicos.

O professor pode fazer um grupo no WhatsApp e convidar os alunos a participarem de grupos de estudos, usado como um espaço de troca de informações entre o professor e os alunos, sempre os orientando, podendo ajudá-los nas dúvidas e assuntos trabalhados em sala de aula.

No Facebook poderia usá-lo para compartilhar vídeos, notícias, filmes, exercícios, promover debates, que estejam relacionados com os assuntos trabalhados em sala, pois lá eles passam horas, e seria mais fácil para eles pararem pra ver o assunto compartilhado pelo professor.

Além disso, fazer um calendário de eventos, para lembrá-los sobre as datas das provas, entrega de trabalho e atividades.

Além de facilitar o estudo como no caso do professor realizar um chat para tirar dúvidas. Também pode usar para a realização de debates de temas polêmicos e variados da atualidade.

Indicam ainda exemplos de atividades que podem ser viabilizadas a partir do uso dessas redes sociais:

Com os avanços da tecnologia, elas podem ser utilizadas como ferramenta de pesquisas, atividades, apresentações, debates, comunicação, questionamentos [...].

Os estudantes são enfáticos quando dizem que as tecnologias podem sim ser trabalhadas em sala de aula, porém de forma correta.

A tecnologia pode ser trabalhada na sala de aula e para o estudo sim, se for trabalhada de forma correta.

A análise geral das percepções dos estudantes agrupadas aqui nesse eixo temático nos remetem a compreender que para eles o uso “correto” desses recursos seria aquele voltado à criação de espaços para a coaprendizagem, pesquisas, produções conjuntas, diálogos em fóruns e chats, entre outras ações.

Alguns excertos ainda evidenciam que alguns estudantes acreditam que essa dinâmica instaurada nas redes sociais propicia uma melhora no vínculo entre alunos, professor e instituição, conforme exemplos apresentados a seguir:

Acredito que sirva de ferramenta de estudos e um complemento para melhorar o vínculo entre aluno e professor.

[...] também para contribuição do vínculo entre professor, aluno e instituição.

É importante compreender aqui que a melhora no estabelecimento desses vínculos pode ser favorecida pela diversidade de recursos de comunicação que as redes sociais propiciam. Inúmeros são os canais de diálogo que se criam a partir dessas redes, como por exemplo: trocas de mensagens instantâneas via Messenger (*Facebook*), *WhatsApp*, *Skype*, *Twitter*, Fóruns, entre outros. Canais esses que contribuem para que o distanciamento entre estudantes e professores diminua. Claro que, ao liberarem tais meios de comunicação, os docentes precisam ter consciência de suas intencionalidades e deixá-las esclarecidas às suas turmas. Com essa abertura e ampliação de canais de comunicação oportuniza-se ainda com que os vínculos afetivos se estabeleçam e sejam reforçados.

4.4. Rede Social Propicia Acesso a Conteúdos Educacionais e Estimula a Pesquisa/Seleção/Sistematização de Informações

São inegáveis as possibilidades que as redes sociais oferecem para o trabalho com os conteúdos diversos, dentre eles os educacionais. Nela podem ser encontradas diversas informações atualizadas a respeito de assuntos variados, provenientes de diferentes fontes. Na opinião dos estudantes que participaram deste estudo exploratório a seguir relacionam-se exemplos que reconhecem a validade do uso das redes sociais se o conteúdo acessado for algo educativo, uma

vez que ele pode enriquecer e complementar assuntos em discussão em sala de aula.

Depende do conteúdo que o aluno acessa, se for algo educativo as redes sociais podem ser utilizadas sim.

[...] muitas vezes pode se usar a internet para complementar um conteúdo visto em sala.

Desse modo, ampliam-se as oportunidades para aprofundamento de conceitos nas diversas disciplinas abordadas em seu curso de Pedagogia. Ao participar das redes sociais os estudantes encontram ainda a possibilidade de interagirem com especialistas de diversas áreas, especialistas esses, muitas vezes produtores desses conteúdos que estão ali para divulgarem suas produções (livros, artigos, etc.) e dispostos a dialogarem a respeito de suas obras ou conceitos/ideias, no sentido de ampliá-las, revisitá-las.

Indicam ainda que a internet (via redes sociais) pode ser utilizada para complementar um conteúdo visto em sala de aula. Também indicam que o uso das redes sociais para aprofundamento de conceitos pode ser muito interessante, conforme excertos abaixo:

Utilizando as redes sociais para fins que aprimorem seus conceitos é válido termos esse recurso.

[...] também trazer para discussão em sala algum tema que esteja circulando na rede...

Facilita o processo de aprendizagem para informações sobre novos assuntos.

A internet e redes sociais passaram a fazer parte do dia a dia dos professores, alunos e sociedade em geral. Além de entreter, ambas tem suas vantagens, uma delas é o enorme acesso a diversos assuntos sobre o

mundo todo, e informações em geral que podem ser transformadas em conhecimentos.

As redes sociais tem um imenso mar de informações, sobre diversos assuntos, páginas de estudos, grupos fechados sobre matérias, questionários, pesquisas, que contribuem para a agregação de conhecimento, claro que usando moderadamente para o assunto.

Sempre que forem assuntos referentes, conhecimentos e informações novas diminuem a rotina e nos ligam com o mundo.

Nesse sentido, é importante salientar ainda a possibilidade que os recursos disponíveis nessas redes sociais propiciam para que os estudantes, docentes e demais participantes também exercitem a autoria.

Com o advento da Web 2.0, os softwares sociais possibilitaram a criação de práticas e expressões plurais, intervindo gradativamente na cultura predominante e fazendo surgir uma revolução nos cotidianos. Nesse contexto, a aprendizagem torna-se cada vez mais aberta e espontânea, em razão da facilidade de acesso livre e contínuo à informação. Assim, novas possibilidades de criação, interação, compartilhamento, recombinação, atualização e comunicação têm contribuído para a participação, cada vez maior, do social na rede, principalmente no aspecto autoral da produção de artefatos culturais. (Santos, Ponte e Rossini, 2015, p. 519).

As autoras lembram bem que a diversidade de interfaces de redes sociais em conexão com a web, como por exemplo Facebook, YouTube, Twitter, Instagram, dentre outros, permite que os usuários compartilhem suas (co)autorias, a partir de relações estabelecidas e construídas por meio de interações desencadeadas em chats (textos síncronos) ou fóruns/mensagens (textos assíncronos). Com isso, ampliam-se as possibilidades para que as redes sociais ao serem usadas na formação inicial de professores propiciem aos futuros pedagogos o exercício e o desenvolvimento de competências essenciais para a docência online.

Sempre há alguém que usa as redes sociais para trabalho, compartilhar algo interessante e é numa destas que podemos encontrar algo que precisamos.

Além disso, nesse eixo temático vale destacar ainda que em vários excertos os estudantes manifestaram que o uso de redes sociais articulado ao processo educativo estimula a pesquisa e aprendizagem, como nota-se nos depoimentos a seguir:

Sim, pois é um método prático de pesquisa e aprendizagem.

Acredito que com a ajuda das redes sociais na sala de aula ajuda o aluno [...] em pesquisas para trabalhos [...].

Sim porque auxilia em trabalhos, pesquisa e conhecimentos.

Sim, afinal facilitam e ajudam no dia a dia. Agilizam pesquisas e conhecimentos, em um curto espaço de tempo. E hoje vivemos num mundo objetivo, estamos em busca de respostas claras e rápidas.

Eu acredito que sim, a internet ajuda e muito no processo de aprendizagem, quando você obtiver uma dúvida fora da aula a internet te ajuda e muito, mas só precisamos saber procurar.

Nesse universo da tecnologia sempre é bom despertar, principalmente nos adolescentes, o desejo da pesquisa e de novos conhecimentos através desse método.

O estímulo à pesquisa torna-se cada vez mais essencial na formação dos estudantes. Acredita-se, especialmente por este estudo tratar da formação de futuros pedagogos, que esse estímulo e formação para a pesquisa seja algo fundamental, considerando que num futuro próximo esses professores estarão em sala de aula desenvolvendo a formação de crianças e jovens. De acordo com Jung (2017, p. 1) “a pesquisa, na sua formação é uma forma de mostrar, para os

futuros professores, como é importante buscar novos conhecimentos, pois é preciso ser inovador, ser criativo, perante alunos que estão sempre curiosos frente a novos conteúdos”. É importante que desde sua formação inicial os futuros professores sejam estimulados a buscarem novas informações, de modo que possam ir sempre além dos conteúdos previamente estabelecidos que lhes sejam apresentados.

Nesse exercício tais estudantes podem compreender que não precisam se limitar ao que lhes é “imposto” em termos de conteúdo e que podem na rede, a partir das interações estabelecidas, adquirirem conhecimentos diferenciados, aprofundando e ampliando assim os conceitos já compreendidos. “A formação inicial deve proporcionar aos licenciandos um conhecimento que gere uma atitude que valorize a necessidade de uma atualização permanente em função das mudanças que se produzem, e faze-los criadores de estratégias e métodos de intervenção, cooperação, análise, reflexão e a construir um estilo rigoroso e investigativo” (Perez, 1999, p.271 apud Jung, 2017, p. 2).

O desafio aqui está em orientar os estudantes no processo de busca e de seleção dessas informações, pois inúmeras são as fontes das quais essas informações se originam. Por isso, os futuros professores devem ser orientados para que pesquisem de forma consciente, de modo que aprendam a aprender, usando os diferentes meios que lhes são colocados à disposição. Para Demo (1997) a prática da pesquisa deve integrar também os currículos de cursos voltados à formação inicial de professores, a partir da construção de projetos pedagógicos que os estimulem à atualização constante e ao compromisso com a sua formação, enquanto professores pesquisadores no cotidiano escolar e de suas próprias práticas.

Isso poderá ocorrer na medida em que sejam estimulados a construir textos científicos e pedagógicos próprios, com fundamentação teórica; aprendam a refazer o material didático, e testá-lo; preocupem-se em inovar na prática didática,

superando a aula reproduzida e meramente copiada, buscando e refletindo sobre a importância de metodologias diferenciadas contra a passividade dos estudantes (Demo, 1997). O autor lembra que a universidade tem o compromisso de desenvolver competências, formar cidadãos críticos, politizados e pesquisadores. Nesse sentido levanta os seguintes questionamentos: *como pretendemos que o professor ensine a partir da pesquisa se não é formado assim? Se o professor de universidade assim não o faz? Portanto, o professor universitário também deve formar pela pesquisa.*

5. Estilos de Uso do Virtual e a Construção de Estratégias Pedagógicas para a Aprendizagem nas Redes Sociais

O presente artigo evidencia que a identificação dos estilos de uso dos espaços virtuais, por exemplo, a partir do questionário (Barros, 2009) adotado neste estudo, propicia um olhar geral e ao mesmo tempo específico sobre o perfil da turma na qual o professor atuará. Com os dados uma vez tabulados o docente formador encontra elementos para pensar em estratégias diversificadas que estimulem com que os alunos avancem em outros estilos ainda não tão desenvolvidos, ampliando assim suas oportunidades de aprendizado nesses ambientes virtuais, no caso, nas redes sociais. “Después de la identificación de las preferencias de aprendizaje asociadas cada estilo, el profesor pasa a disponer de información de sus alumnos que le ayudarán a definir sus estrategias de enseñanza y aprendizaje” (Gallego; Alonso; Barros, 2015, p. 20 – 21). De acordo com as autoras a ação do professor poderá ser mais efetiva quando passa a conhecer os estilos de aprendizagem de seus alunos, no caso, os estilos aqui citados de uso do espaço virtual.

Nesse sentido a Figura 1, a seguir, resgata os estilos de uso do espaço virtual, os eixos usados para organização e análise dos excertos das falas dos estudantes de Pedagogia e sinaliza ainda algumas estratégias que podem ser usadas para

viabilizar atividades construtivas em formações online que considerem todos esses aspectos.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Figura 1 – Estilos, Eixos e Estratégias – Identificadas neste Estudo.

Em relação especificamente às estratégias o estudo evidenciou que os professores devem defini-las, de modo que beneficiem o conhecimento dos alunos em relação às potencialidades das tecnologias de informação e comunicação, aqui exatamente, das mídias sociais. Além disso, nesses ambientes, torna-se

interessante favorecer com que os estudantes identifiquem seus próprios estilos de uso do espaço virtual. Nesse sentido, Gallego (2013 apud Gallego; Alonso; Barros, 2015, p. 23) sinaliza que: “[...] entre las competencias que los alumnos de la enseñanza superior del siglo XXI deven dominar, sobresalen las asociadas al conocimiento sobre el modo cómo aprendem”. Além disso, torna-se relevante que reconheçam que as propostas de atividades lançadas em seus contextos de aprendizagem online contemplem seus estilos, ao mesmo tempo em que os auxiliam no desenvolvimento dos demais.

A educação online implica, assim, a busca de estratégias específicas que favoreçam o diálogo entre os sujeitos em formação, em especial entre aqueles que compõem cada equipe de trabalho, assim como a conexão com diferentes espaços que extrapolem os ambientes criados especificamente para os cursos. Para tanto, torna-se necessário desenvolver modelos pedagógicos que considerem o contexto dos sujeitos, suas especificidades e potencialidades. Considerando ainda a didática do online, espera-se que esta seja resignificada e reconfigurada em função do espaço-tempo e das características essenciais do ambiente virtual que se distinguem de uma sala de aula presencial.

6. Considerações Finais

A partir do estudo realizado foi possível identificar os estilos de uso do espaço virtual de estudantes de uma dada turma do curso de Pedagogia. Verificou-se que a maioria dos estudantes da turma investigada apresentou o Estilo A que considera a participação no espaço virtual como elemento central. É importante lembrar que, a aprendizagem no espaço virtual, implica metodologias e recursos que deem preferência para trabalhos colaborativos e o contato com grupos online, instigue buscas de situações diversas no contexto on-line, participações em fóruns de discussões e gere ações aos materiais produzidos, como mencionado anteriormente. Uma parte significativa dos estudantes evidenciou predominância no Estilo B, que tem como elemento central para a aprendizagem no espaço

virtual a necessidade de fazer pesquisa on-line, bem como buscar informações de todos os tipos e formatos.

É interessante considerar que esses estilos são expressos nas concepções apresentadas pelos estudantes ao emitirem suas opiniões ou justificativas para o uso das redes sociais articuladas ao processo de ensino e aprendizagem. Suas falas evidenciam que reconhecem as redes sociais como espaços de coaprendizagem, ou seja, espaços que propiciam o aprender junto, a partir da interação com os pares e formadores.

Na opinião dos estudantes o uso das redes sociais também propicia mais motivação para a participação nas aulas e desenvolvimento das atividades propostas. A análise das falas também evidencia que reconhecem a variedade de recursos e espaços pedagógicos que as redes sociais oferecem. Além disso, valorizam a possibilidade que as redes sociais oferecem para o acesso a conteúdos educacionais, enfatizando o estímulo à pesquisa de informações diversas, seleção, sistematização e compartilhamento dos conhecimentos obtidos.

Por fim, vale salientar que os resultados confirmaram a importância de se identificar os estilos de uso do espaço virtual, predominantes entre os estudantes de uma turma, de modo que o docente tenha elementos para projetar atividades a serem desenvolvidas, contemplando os estilos que mais se evidenciaram, bem como os demais, a partir do uso criativo dos espaços online, em especial das redes sociais.

Referências

- Alexandre, C.; Peres, F. (2011). A Educação que motiva: O uso de rede social e jogos a favor da aprendizagem significativa. Hipertextus Revista Digital (www.hipertextus.net), n.7, Dez. Recuperado de: http://www.hipertextus.net/volume7/04-Hipertextus-Vol7-Carla_Alexandre-Flavia_Peres.pdf

- Alonso, C. M.; Gallego, D. J. y Honey, P. (2002). Los estilos de aprendizaje: procedimientos de diagnóstico y mejora. Madrid: Mensajero.
- Balbe, M. M. G. A. (2003). A interlocução entre professor tutor e aluno na educação a distância. *Educar em Revista*, Curitiba, 21, 01-10. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602003000100014&lng=pt&nrm=iso
- Barcelos, G. T.; Passerino, L. M. y Behar, P. (2011). A. Redes sociais na internet: ambiente pessoal de aprendizagem na formação de professores iniciantes de matemática. *CINTED-UFRGS Novas Tecnologias na Educação*. v. 9 nº 1, julho. Recuperado de: <http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/21902/12706>
- Barros, D.M.V. (2013) *Estilos de aprendizagem e o uso das tecnologias*. De facto editores: Santo Tirso, Portugal.
- Barros, D. (2011). Pedagogical criteria of learning styles in virtual for evaluation of Virtual learning environments (vle). In T. Bastiaens & M. Ebner (Eds.), *Proceedings of EdMedia: World Conference on Educational Media and Technology 2011* (pp. 2662-2667). Association for the Advancement of Computing in Education (AACE).
- Barros, D. M. V. (2009). Estilos de uso do espaço virtual: como se aprende e se ensina no virtual? *Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG*, 34 (1): 51-74, jan./jun. Recuperado de: [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2052/1/artigo%20Daniel a.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2052/1/artigo%20Daniel%20a.pdf)
- Bueno, M. O. B. (2014). *Cultura digital e redes sociais: incerteza e ousadia na formação de professores*, 110 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande. Recuperado de: <http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/15209-maysa-o-brum-bueno.pdf>
- Brasil, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. (2002). *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da*

- Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Recuperado de: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>
- Brito, R. R. et al. (2014). O uso das redes sociais no ensino à distância. Recuperado de: http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Modalidade_2datahora_15_06_2014_22_50_46_idinscrito_98_d9e4bea98b0e3495f375334535b_29997.pdf
- Castells, M. (2001). La Galaxia Internet. Barcelona: Areté.
- Censo EaD.BR (2015). Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2014 = Censo EAD.BR: Analytic Report of Distance Learning in Brazil/[traduzido por Maria Thereza Moss de Abreu]. – Curitiba: Ibpex. Recuperado de: http://www.abed.org.br/censoead2014/CensoEAD2014_portugues.pdf
- Cerqueira, T. C. S. (2006). O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível. Revista de Psicologia, São Paulo, 7(1), 29-38. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142006000100005&lng=pt&nrm=iso
- Demo, P. (1997). Educar pela Pesquisa. 2.ed, Campinas: Editores Associados.
- Freitas, R. L. A. (2001). As novas tecnologias e o novo paradigma da educação: fundamentação e a produção da Escola do Futuro da USP. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.
- Gallego, D. J.; Alonso, C. M.; Barros, D. M. (2015). Estilos de Aprendizaje: desafios para una educación inclusiva e innovadora. Coleção Estudos Pedagógicos – Dinâmicas Educacionais Contemporâneas. 1ª ed. WhiteBooks - Santo Tirso.
- Goulão, M.F. (2002). Ensino Aberto a Distância: Cognição e Afetividade (Tese de doutoramento não publicada). Universidade Aberta: Lisboa, Portugal.
- Jung, K. M. (2017). A pesquisa na formação do professor. Recuperado de: http://euler.mat.ufrgs.br/~vclotilde/disciplinas/pesquisa/texto_Jung.pdf

- Kenski, V. (2008). Educação e Comunicação: Interconexões e convergências. Revista Educação e Sociedade, Campinas, vol. 29, n. 104 – Especial, p. 647- 665.
- Kerckhove, D. (1995). A pele da cultura. Lisboa: Relógio D'água.
- Kerckhove, D. (1999). Inteligencias en conexión: hacia una sociedad de la Web. Barcelona: Gedisa.
- Kolb, D.A.; Smith, S. (1996) User's guide for the learning-style inventory: A manual for teachers and trainers. Boston, TRGHayGroup.
- Kolb, D. (1984). Experiential Learning: Experience as the source of learning and development. New Jersey: Prentice Hall.
- Kuri, N. P.; Silva, A. N. R.; Pereira, M. A. (2006). Estilos de Aprendizagem e Recursos da Hipermídia Aplicados no Ensino de Planejamento de Transportes. Revista Portuguesa de Educação, Braga, 19(2). Recuperado de: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0871-91872006000200006&lng=pt&nrm=iso
- Lacerda, A. L.; Silva, T. (2015). Materiais e estratégias didáticas em ambiente virtual de Aprendizagem. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, 96 (243), 321-342. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812015000200321&lng=pt&nrm=iso
- Lévy, P. (1993). As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Lévy, P. (1996). O que é virtual?. São Paulo: Editora 34.
- Lopes, L. F. et al. (2014). Redes sociais no processo de ensino-aprendizagem na EaD. Recuperado de: <http://www.abed.org.br/hotsite/20-ciaed/pt/anais/pdf/117.pdf>
- Martins, B. S. B.; Oliveira Neto, J. C. S.; Aquino, F. J. A. (2013). O uso de redes sociais na EaD: integração do facebook no AVA Solar 2.0. COBENGE. XLI Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia. Gramado - RS.

- Recuperado de: http://www.fadep.br/engenharia-eletrica/congresso/pdf/117902_1.pdf
- Mattar, J. (2013). Web 2.0 e redes sociais na educação. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013, 191 p. - ISBN 978-85-64803-00-8. Resenha de: Joaquim, B. S. Resenha - Web 2.0 e redes sociais na educação. TECCOGS. ISBN: 1984-3585 n. 8, 166 p, jun. - dez. 2013. Recuperado de: http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/resenhas/2013/edicao_8/1-web_2_redes_sociais_educacao-joao_mattar-bruno_santos_joaquim.pdf
- Mello, D. E.; Barros, D. M. V. (2017). Didática do online: reflexões para o ensino superior. In: Mello, D. E.; Fernandes, T. Ensino Superior, Educação a Distância e eLearning. Práticas e Desafios. 1ª ed. Santo Tirso – Portugal, pp. 41 – 55.
- Oliveira, J. P. M. et al. (2003). Adaptweb: um ambiente para ensino aprendizagem adaptativo na Web. Educar em Revista, Curitiba, n. spe, 175-197. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602003000300009&lng=pt&nrm=iso
- Okada, A.; Serra, A. R. C.; Ribeiro, S. F; Pinto, S. M. (2017). Competências-chave na era digital para coaprendizagem e coinvestigação. Recuperado de: <http://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3080/1/competencia-chave.pdf>
- Okada, A.; Barros, D. M. V. (2013). Os estilos de coaprendizagem para as novas características da educa (3.0). In: VIII International Conference on ICT in Education - Challenges 2013, 15-16th July 2013, Braga, Portugal. Recuperado de: <http://oro.open.ac.uk/42573/1/Untitled.pdf>
- Okada, A. (2013). Ambientes emergentes para coaprender e co-investigar em rede. Recuperado de: <http://oer.kmi.open.ac.uk/wp-content/uploads/2013/07/OKADACHALLENGES2013JUL.pdf>
- Okada, A. (2011). Colearn 2.0 – Coaprendizagem via Comunidades Abertas de Pesquisa, Práticas e Recursos Educacionais. Revista e-curriculum, São

- Paulo, v.7 n.1 Abril. Recuperado de:
<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/5813/4128>
- Pereira, L. L. S.; Benite, A. M. C. (2012). Redes sociais como espaço de interações discursivas sobre formação de professores de ciências para a educação inclusiva. *Investigações em Ensino de Ciências – V17(3)*, pp. 615-639. Recuperado de:
http://www.if.ufrgs.br/ienci/artigos/Artigo_ID308/v17_n3_a2012.pdf
- Pittinsky, M. (2006). *La Universidad Conectada*. Málaga. Ediciones Aljibe.
- Santos, E.; Ponte, F. S.; Rossini, T. S. S. (2015). Autoria em rede: uma prática pedagógica emergente. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 515-536, maio/ago. Recuperado de:
<http://www.redalyc.org/html/1891/189141165008/>
- Santos, E.; Wechsler, S. (2008). Compreensão e consideração dos professores sobre estilos de aprender. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, 28 (1), 72-78. Recuperado de:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2008000100009&lng=pt&nrm=iso
- Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico*. 21. ed., São Paulo: Cortez.
- Souza, T. F. M.; Cruz, D. M.; Amante, L. (2017). Letramentos Digitais na formação de estudantes online na universidade: contextos brasileiro e português. In: Mello, D. E.; Fernandes, T.; *Ensino Superior, Educação a Distância e eLearning. Práticas e Desafios*. 1ª ed. Santo Tirso – Portugal, pp. 57 – 71.
- Scholze, L. (2004). *O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam*. Pesquisa Nacional Unesco. São Paulo: Moderna.

Recieved: Jul, 27, 2017

Approved: Sep, 29, 2017